



O Dia da Bandeira e o fortalecimento do Estado Novo no Piauí.

JOSÉ DE ARIMATÉA FREITAS AGUIAR JUNIOR*

Um evento do calendário nacional que fazia parte das festividades cívicas no Piauí, na Interventoria de Leônidas de Castro Melo (1935-1945), era o Dia da Bandeira festejado no dia 19 de novembro, era uma forma de homenagear o símbolo máximo do patriotismo, possibilitando que todos os piauienses estivessem atentos às lições dos que honravam o pavilhão nacional. Era comum, nas comemorações destinadas à Bandeira Nacional, os grupos das Forças Armadas, classes trabalhistas, estabelecimentos de instrução e a sociedade piauiense participarem dos eventos patrióticos. É interessante observar que o dia 19 de novembro de 1937, se tornou uma data emblemática para comemorar o estandarte brasileiro, sobretudo devido à instauração do Estado Novo que se orquestrou poucos dias antes do evento cívico. Logo, programações e incentivos por parte do Governo Nacional e a interventoria local foram intensificadas, a fim de festejar a data do pendão brasileiro como uma das maiores provas de cooperação e demonstrações de que os piauienses estavam apoiando o novo regime. À busca de responder às questões de pesquisa, utilizamos vasta documentação escrita, produzida à época do governo de Leônidas de Castro Melo, entre eles, jornais que circulavam no período - *Diário Oficial* - e revistas como a *Voz do Estudante* e *Zodiaco*. Outra fonte utilizada no artigo foram entrevistas com ex-alunos que participaram das solenidades em homenagens a Bandeira Nacional. Ao se comemorar o Dia da Bandeira acreditava-se que estava acontecendo um fortalecimento do patriotismo em território piauiense, sobretudo, porque no período era mostrado que as tradições brasileiras estavam sendo visitadas por ideologias comunistas que deveriam ser combatidas. E cada brasileiro que amasse a sua Pátria, deveria sensibilizar-se e estar unido e solidário ao Chefe da Nação. A displicência perante as datas nacionais corroeria a cultura cívica que durante toda a Interventoria de Leônidas Melo foi orquestrada com o Departamento de Ensino e autoridades brasileiras. Não participar das solenidades era não honrar as tradições e os antepassados, que tanto fizeram para a grandeza do Brasil. O Dia da Bandeira reunia diversos sentimentos, entre eles, o de um Brasil forte, indivisível e esforçado em cuidar do patrimônio nacional.

Palavras-chave: Dia da Bandeira. Estado Novo.

A bandeira nacional foi criada em 19 de novembro de 1889, quatro dias depois da proclamação da República. Ela foi projetada por Raimundo Teixeira Medes e Miguel Lemos. O desenho foi feito por Décio Vilares e a inspiração veio da bandeira do Império, desenhada pelo pintor francês Jean-Baptiste Debret, com o círculo azul e a frase positivista “Ordem e Progresso” no lugar da coroa imperial. A única alteração na Bandeira Nacional, desde então, foi em 1992, quando a Lei nº 8.421, de 11 de maio de 1992, fez com que todos os novos

* Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (UFPI).

estados brasileiros e o Distrito Federal, fossem representados pelas estrelas. Na mesma oportunidade, os estados extintos foram suprimidos de sua representação.¹

O Estado e os governos locais estimulavam e organizavam solenidades para serem contempladas pelas pessoas em diversas partes do país. É importante ressaltar que o 19 de novembro de 1937, se tornou uma data significativa para celebrar a bandeira brasileira, sobretudo devido à instauração do Estado Novo que aconteceu poucos dias antes daquele evento cívico. Comemorar o Dia da Bandeira era demonstrar apoio e confiança nos destinos que o Brasil estava tomando com o novo regime:

Justifiquem-se perfeitamente as excepcionais demonstrações cívicas que serão promovidas, amanhã, em todas as cidades brasileiras, de vivas e tocantes homenagens prestadas ao pavilhão auri-verde, que simboliza a grandeza territorial e unidade política e a soberania respeitável da Nação Brasileira. Justificam-se, principalmente, neste momento histórico em que as nossas instituições e as nossa tradições democráticas têm sido visadas por ideologias destruidoras, que ameaçavam derruir o surto de brasilidade que através de todas as vicissitudes têm, em crescente desenvolvimento, feito do Brasil uma Pátria de que nos orgulhamos, com justificado amor aos nossos foros de americanos, sempre à vanguarda das mais elevadas ideias de paz e amor. O culto a Bandeira e a Pátria deve estar latente, vivo, em todos os recantos do país, em todas as cidades e vilas, em todos os estabelecimentos, em todos os lares, no coração de todos os brasileiros que, unidos pelo amor, farão deste colosso a mais forte e a mais dadivosa nação do mundo. [...] O Piauí, por suas autoridades, assim compreendeu o ardente e imperioso preito que se deve prestar amanhã à Bandeira do Brasil, contando para maior solennidade das ceremonias, com o interesse patriótico que tem sido, em todos os tempos, o apanágio do povo piauíense, por que o Dia da Bandeira é, e deve ser em verdade, um dia nacional em que a alma do povo se descobrirá reverente ante o symbolo augusto da Pátria. (O DIA, 18 nov. 1937: 1).

As “ideologias destruidoras” que ameaçavam destruir o patriotismo brasileiro eram o comunismo. Este foi costumeiramente apontado, no período varguista, como “opositores do regime”, “inimigos da Pátria”, ou seja, para que Getúlio Vargas pudesse ter a cooperação e união dos brasileiros a favor do Estado Novo, ele fazia com que os cidadãos permanecessem longe de ideologias associadas ao comunismo. Esse discurso foi muito frequente após a instauração do novo regime.

¹ Todos os países possuem símbolos que os representam. No Brasil são: a Bandeira Nacional, o Hino Nacional, as Armas Nacionais e o Selo Nacional. Uma bandeira em mau estado de conservação não pode ser hasteada. Deve ser entregue a uma Unidade militar para ser incinerada no dia 19 de novembro. Tradicionalmente, a Bandeira Nacional é hasteada às 8h da manhã e arriada às 18h. (NOTICIÁRIO, 1957: 1- 4).

No ano de 1937, em homenagem ao Dia da Bandeira, foi elaborada uma programação que contava com conferências, desfile das escolas, inauguração de um instituto no Piauí, entre outros eventos:

- a) hasteamento da Bandeira, às 8 horas da manhã, no Palácio do Governo, com o comparecimento das altas autoridades estaduais, federais, municipais e eclesíásticas; forças federais e estaduais, Colégios públicos e particulares, sendo executado o hino nacional pelas bandas militares e cantado pelos alunos dos colégios;
- b) discurso allusivo ao acto pronunciado pelo Commandante Nelson Desouzart;
- c) oração á Bandeira do Professor Fernando Magalhães, recitada pelo estudante Acyilino Marcilio Portella;
- d) hino da Bandeira cantado, em câoro, pelos alumnos presentes á cerimonia;
- e) desfile dos alumnos do Lyceu Piauhyense, Escola Normal Official, Collégio das Irmãs e Escola de Adaptação;
- f) instalação do Conselho Regional de Geographia do Piauhy, as 20 horas, no edificio onde funcionou a Assembleia Legislativa;
- g) discursos dos senhores Dr. Hygino Cunha, commandante Nelson Desouzart e Desembargador Cromwell Barbosa de Carvalho. (O DIA, 18 nov. 1937: 1).

Percebemos quanto o dia 19 de novembro foi festivo no ano de 1937, com uma ampla programação envolvendo diversos segmentos da sociedade teresinense. Havendo, inclusive desfile de algumas escolas da capital do Piauí. No dia seguinte à comemoração, o “Diário Oficial” noticiou os acontecimentos da data nacional, que teria levado uma multidão de pessoas a festejar o Dia da Bandeira em Teresina:

Despertando a consciência cívica do povo, realizou-se hontem, nesta capital, com redobrado amor patriótico, a commemoração do Dia da Bandeira, com um calor, com um interesse que excedeu de muito o desejo das próprias autoridades, guardas vigilantes das instituições, sobre as quaes palpita e resplandece a sacrosanta Bandeira do Brasil. Às 8 horas da manhã de hontem era immensa a multidão que assistia, commovida, o hasteamento, pelo próprio chefe do Estado, do auri-verde pendão, em um elevado mastro plantado em frente do palácio do governo, ao som do hino nacional, executado pela banda do 25 B/C, com o acompanhamento de centenas de escolares, que incorporados e uniformizados compareceram a solenne cerimonia. [...] Cultuando o symbolo da Pátria, desfilaram por fim, um companhia do 25 B/C, sob o Commando do Capitão Ruy Americo; uma companhia da Força Militar do Estado, ás ordens do Capitão Benedicto da Luz; os alumnos do Lyceu Piauhyense, da Escola Normal Official, da Escola de Adaptação e os do Collégio Sagrado Coração de Jesus, dispersando-se na multidão, na mais perfeita ordem, após esta última homenagem. Todas os militares, todos os estudantes e quase todos os civis ostentavam, orgulhosamente, uma pequena bandeira nacional, dando ao conjuncto um aspecto impressionante. (O DIA, 20 nov. 1937: 1, 16).

O símbolo da Bandeira Nacional, além de ser muito utilizado nos momentos de comemorações públicas no período analisado, fazia parte do cotidiano das escolas piauienses. Ao recordar a sua trajetória como estudante da Escola Normal Oficial de Teresina, Dona Raimunda de Carvalho Sousa, narra o respeito que muitos estudantes tinham pela Bandeira Nacional. Ela, especificamente, por ter vivido tão de perto esses momentos de amor cívico no período estadonovista, chegou a criar, posteriormente, a bandeira do município de Timon². Episódio que ela narra com bastante orgulho:

[...] as comemorações eram previamente anunciadas na escola, na véspera dizia o que era aquele feriado, o que se comemorava e tal [...] a gente tomava conhecimento por que as professoras faziam preleções a respeito, contavam a história daquela comemoração, o porquê daquela comemoração e tudo, isso fazia na gente ou despertava na gente o amor cívico pra aquilo. Por exemplo eu toda vida tive muito respeito pela bandeira, a bandeira de Timon foi criada por mim. A nossa bandeira foi criada por mim [...]. Nos colégios que eu dirigia o Hino Nacional tinha que ser cantado com a Bandeira [risos], vou te contar uma aqui ligeira, eu comemorava no Bandeirante [escola de Timon] o dia de quinta-feira, os outros dias tinham comemorações assim cantavam os Hinos a Bandeira, esses outros hinos cívicos, alegorias a respeito do país e tudo, eu ensinava porque eu sabia muitas coisas a respeito. Mas dia de quinta-feira a bandeira era colocada no recreio coberto, de dia não precisava que era de dia, mas a bandeira tava lá, depois do recreio formava todo mundo no recreio coberto para cantar o Hino Nacional, eu tinha uma radiola, eu botava a radiola, botava o disco ai eles cantavam, botava tudo e saia tudo formadinho e ia pra sala de aula continuar as aulas até o meio-dia. A noite tinha uma lâmpada de 500 watts que eu botava no local onde botava a bandeira e dizia o porquê daquela lâmpada ali, era por que a bandeira não podia ser hasteada no escuro, tinha que ser hasteada as claras de dia ao sol e a noite tinha que ser em local bem iluminado (SOUSA, 07 jun. 2013).

É interessante perceber as influências que a entrevistada teve durante toda a sua vida de estudante para amar a Bandeira Nacional e respeitar o símbolo máximo de grandeza do país. Tudo isso despertou nela, posteriormente, inspiração para criar a bandeira da sua cidade natal, e perpetuar nos colégios por onde passou como professora e diretora, o amor cívico ao estandarte brasileiro e o reverenciamento que seus alunos deveriam prestar ao mesmo. A memória da depoente é percebida como integrante das malhas de solidariedades múltiplas na qual a memória coletiva estar engajada (HALBWACHS, 1990: 14).

² A Professora Raimunda de Carvalho Sousa idealizou e criou a Bandeira de Timon, que foi aprovada pela Câmara Municipal, pela Lei 460 de 20 de julho de 1972 e sancionada pelo Prefeito Municipal Domingos Rêgo. Mais detalhes ver: (SOUSA, 2010: 3).

Uma das conferências feitas no Dia da Bandeira de 1937 demonstra quanto os piauienses deveriam estar reunidos fraternalmente em torno do estandarte nacional. Este sentimento era apontado, pelo Comandante Nelson Desouzart, como um guia da marcha brasileira no conceito das nações civilizadas, porque unidos à bandeira os brasileiros venceriam todas as lutas:

Bandeira minha; bandeira nossa; symbolo do nosso amor; synthese da nossa Pátria. [...] Queremos que recebas os nossos beijos envoltos nos hymnos patrióticos que entoamos hoje pela intangível soberania. Na doçura da paz que anima o trabalho e gera o progresso, nós contemplamos sorridentes a tua imagem sacrosanta e sentimos nos nossos corações, uma doce e carinhosa vibração de sentimentos patrióticos de amor, por este lindo paiz que nos viu nascer e que tu, bandeira querida, nele representas como o symbolo sagrado da sua independência, perante o mundo, e da sua honra nacional, perante os seus filhos! [...] Na data de hoje, pois, com esta elogiável e brilhante imponência que todos vós estaes prestando a esta bella e significativa solennidade, eu vos exorto, meus caros patrícios, - brasileiros piauienses - para que vivamos e trabalhemos civicamente unidos, não somente, neste histórico instante que atravessamos, como perenemente, no perpassar dos tempos; porque senhores, não tenhamos ilusões, pois, da nossa união dependerá a solidez, a estabilidade e talvez mesmo a própria existência do nosso querido Brasil. [...] Sejamos todos genuínos patriotas e muito amigos, mas com sinceridade e com todo ardor, muito ciosos e muito orgulhosos da nossa bandeira, por que, meus patrícios, cultuando-a e venerando-a, prestaremos, cada um de nós, uma bella e admirável homenagem à nossa querida Pátria! Guardemo-la, portanto, com particular dedicação junto a nós, com carinho e amor, não somente na lapella da nossa indumentária, mas, também, num altar delicado que todos nós devemos erguer, patrioticamente, no íntimo dos nossos corações de brasileiros que amam verdadeiramente e se orgulham, com sadia, vaidade e justos motivos, do seu paiz natal! (DESOUZART, 20 nov. 1937: 16).

O jornal Diário Oficial, após as festas cívicas da Bandeira, publicou os discursos das autoridades e intelectuais que participaram da homenagem à data nacional. Na ocasião da instalação do Diretório Regional de Geografia, a conferência do Dr. Higinio Cunha ganhou notoriedade nas páginas do jornal. Ao realizar sua conferência, sai em defesa das comemorações das datas nacionais que, segundo ele, passou por um momento de indiferença por parte da juventude piauiense, tudo isso superado com a aparição da campanha cívica despertada por Olavo Bilac,³ no início do século XX, que deveria atingir, dentre outros espaços, as escolas civis:

³ A letra do Hino à Bandeira foi criada por Olavo Bilac. (NOTICIÁRIO, 18 de junho de 1957). Para mais informações sobre a Campanha cívica desenvolvida no Brasil por Olavo Bilac, ver: (AGUIAR JUNIOR, 2014).

[...] Trata-se de uma demonstração de civismo e brasilidade sob a égide do pavilhão nacional, que interessa a todos os presentes, em particular á mocidade piauihyense, ávida de cultura e de estudos preparatórios para mais largos voos da intelectualidade da nossa terra e da nossa gente. Houve tempo em que os moços estudantes de Teresina não deixavam passar sem grandes festas commemorativas as datas celebres da história do Brasil, significativas das nossas glórias do passado. Tive o prazer de tomar parte em algumas dellas como lente do Lyceu Piauihyense e da Escola Normal Official. Depois o entusiasmo juvenil foi se arrefecendo e fez-se uma pausa, reflexo do marasmo de outros centros superiores, preocupados com outros problemas mais palpíantes e mais urgentes. As datas nacionaes passaram a ser festejadas somente no mundo official, sem o concurso popular da mocidade. Foi no meio desse indiferentismo geral, em pleno fragor da Grande Guerra, que se ergueu, nas Academias de São Paulo, a voz eloquente do insigne poeta Olavo Bilac, concitando os moços ao serviço militar obrigatório. [...] Compreende-se facialmente que elle devia estender-se a todas as classes sociaes, a começar pelo exército e a marinha, representados pelos seus chefes mais graduados, e também os Ministérios do Trabalho e da Educação, interessando o povo em geral. Nesse plano grandioso a commemoração das grandes datas nacionaes, não somente nas casernas e nas repartições públicas, mas também nas escolas civis e na Praça pública como elementos necessários da educação cívica, desde o ensino primário até o ensino superior e profissional. Entre os dias consagrados às festas nacionaes, surgiu a ideia luminosa do dia da bandeira, o último catalogado no calendário official. Coube-lhe a data auspiciosa de 19 de Novembro para todo o Brasil, sem distincção de posição e de partidarismo, sob o impulso dominador de um só pensamento: servir ao Brasil, e, por isso mesmo, unir todos os brasileiros sob uma só bandeira, solidificando os elos da nacionalidade. (CUNHA, 23 nov. 1937: 1- 4).

Higino Cunha destaca em sua palestra que teve um período da história do Brasil republicano, que as festividades despertavam pouco interesse na juventude do estado, as solenidades acabavam sendo realizadas apenas nas repartições públicas. Esse cenário de pouco interesse aos assuntos nacionais sofre uma mudança significativa, com o fim da Primeira Guerra Mundial, quando a campanha cívica comandada pelo poeta brasileiro Olavo Bilac atinge grande parte dos brasileiros e as festividades ganham os espaços das praças, ruas e avenidas das cidades do país.

A bandeira, colocada como o grande símbolo da Pátria, ao lado dos hinos patrióticos, estava presente nas diversas festividades realizadas pelo país⁴. Defender a Bandeira Nacional era proteger a Pátria, representada pelas tradições e pela família; pelo solo brasileiro, trabalho, povo, lar, túmulo dos antepassados e pela comunhão da língua, entre outros. Em relação à invenção das tradições nos referenciamos em Eric Hobsbawm que as entende como práticas, de natureza formal ou representativa, que tem o intuito de inculcar valores e condutas através

⁴ O 19 de Novembro era muito festejado nos quartéis brasileiros, inclusive no 25 Batalhão de Caçadores. Mais detalhes ver em (BOLETIM, 19 nov. 1935: 872-873).

da repetição, o que provoca automaticamente uma ininterruptão em relação ao passado (HOBSBAMW, 2015: 09). Tudo isto constituiria o patriotismo brasileiro que os antepassados teriam organizado com o suor e sangue dos seus heróis, ou seja, a bandeira simbolizava tudo isso.

Para o conferencista Higino Cunha, o culto à bandeira devia partir da alma e do coração de todos os brasileiros, de todos os segmentos sociais. A bandeira representava a existência da nacionalidade. Narrou os poetas brasileiros que não cansaram de cantar as belezas da Pátria, não só as naturais como as belezas conquistadas pelo esforço humano no labor diário. Entre os poetas que teriam se destacado nessa esfera, cita Gonçalves Dias, com sua Canção do Exílio.

Para Maria Celina D'Araujo, a intelectualidade era o ponto mais ambíguo do Estado Novo referente à política cultural e à educação. Nesse campo, vários projetos foram contemplados e diversos intelectuais foram convidados a participar do governo, sem que com isso tenham se tornados fascistas (D' ARAUJO, 2000: 34). É através dessa perspectiva que analisamos a atuação de intelectuais piauienses nos eventos montados a favor da constituição da memória cívica.

Outra conferencista que homenageou a flâmula brasileira foi Maria Gonçalves de Vilhena, professora da Escola Normal Oficial e diretora da Escola Modelo. Esta estava com a missão de informar aos piauienses, durante o recém instaurado Estado Novo, os males que o comunismo poderia causar aos brasileiros:

[...] E essas criaturas assim moralmente deformadas, tentam devastar-nos a Pátria, sob um regime denominado Comunismo. Esse regime que implantar-se sobre a destruição do que nos é caro, pois tenta levantar seus alicerces sobre as ruínas da religião, da família e da Pátria. [...] Sabei que o homem que se faz comunista elimina a sua personalidade. É um cérebro embrutecido num ser que se reduziu à simples matéria. É um espírito miserável que não sabe lutar e não pode vencer honestamente e onde germina o ódio contra os que tem coragem de trabalhar e confiam num Deus que abençoa e multiplica o trabalho. É criatura que não olha para o céu, por que fugiu de Deus. É transviado que, á falta de religião, rasteja na vileza da matéria, como réptil no pó dos logares sombrios; como vermes na repugnância da lama (VILHENA, 23 nov. 1937: 2 - 4).

A professora apontava o mal que o comunismo poderia causar que, segundo ela, seria a destruição da religião, da família e da Pátria. Afirmava, ainda, que a função dos educadores era iluminar o espírito da juventude, conduzindo os estudantes na trajetória do bem. Quem

seguisse as ideias comunistas era encarado como criminoso e qualquer punição que fosse tomada era pequena, diante de tanto desamor à Pátria brasileira.

Em nível nacional, em janeiro de 1938, o tema da nacionalização era uma das preocupações do governo. Eram enfatizados os perigos que a presença de núcleos estrangeiros trazia à segurança nacional. De todos os estrangeiros que viviam no país, os alemães eram apontados como os mais organizados, devido ao isolamento em que procuravam viver, transmitindo aos seus descendentes a língua, costumes, crenças e a cultura do país de origem. Nesse sentido, os estrangeiros constituíam uma forte ameaça à formação da consciência patriótica brasileira.

O Ministério da Educação deveria criar e executar um programa de desapropriação progressiva das escolas estrangeiras⁵, nomeando diretores brasileiros até a substituição completa dos professores estrangeiros por nacionais selecionados (SCHWARTZMAN; BOMENY; COSTA, 1984: 142-144).

Maria Gonçalves de Vilhena discursa sobre a atitude de Getúlio Vargas em “proteger” a memória patriótica do país em um momento decisivo como aquele. E evidencia o sentimento de cooperação e união que os piauienses deveriam prestar à bandeira nacional em frente às adversidades surgidas:

Salve, bandeira bonita e gloriosa, imagem desta Pátria, deste paiz encantado que Deus nos deu! [...] És tu o mais eloquente grito da Pátria chamando os seus filhos ao cumprimento do dever! [...] Deus te salve, bandeira, que guardas na realeza de teu aspecto, a serenidade, a firmeza de caracter, a coragem, a lealdade, o sentimentalismo são da gente que conduzes, do povo que abençoa! [...] És tu o palio aberto sobre os nossos destinos, defendendo nossos direitos de cidadãos livres! És tu a bandeira da Victória, por que guardas no santuário do patriotismo, as mais edificantes páginas de Nossa História onde se lêem reverentemente nomes immortaes de grandes filhos do Brasil! [...] E no Brasil ainda há homens de boa vontade, representados na personalidade de Getúlio Vargas, cujo nome seja para nós uma lição sublime de patriotismo! [...] O dia de hoje é festivo nesta casa e no Brasil inteiro é um dos mais expressivos do nosso calendário. É o dia em que commemoramos a instituição de nossa Bandeira - desta bandeira que, sendo o coração da Pátria, tão bem sabe fallar aos nossos corações, tanto nos dias festivos, como nos dias ameaçadores, ella anima e exalta; encoraja e abençoa; coroa a victoria e santifica o sacrificio. Mas também despreza a coverdia e condena a traição. Nos dias festivos, canta em nossa alma o seu hymno de victoria; nos dias amargurados, desperta o dever de nos unirmos fraternalmente ao serviço da Pátria,

⁵ Para Roney Cytrynowicz, algumas instituições judaicas, especialmente as de São Paulo e Rio de Janeiro, urdiram estratégias sutis e sofisticadas para enfrentar as restrições do Estado Novo e as medidas de nacionalização implementadas pelo novo regime (CYTRYNOWICZ, 2002).

fazendo de cada um de nós a sua muralha de defesa; dar-nos força e coragem para levantarmos um grito de protesto contra quem se atrever a ameaçar-lhe a integridade (VILHENA, 23 nov. 1937: 2 – 4).

Era nesses momentos de ruptura da ordem política social que as comemorações ganhavam intensidade. As autoridades, intelectuais e professores tratavam de planejar e executar um programa cheio de atividades que envolvessem a população piauiense em um calendário festivo. Houve alguns anos em que a festividade do Dia da Bandeira saía apenas em pequenas notas no jornal Diário Oficial, sem acontecer grandes eventos pelo Piauí. Porém em 1937, ela ganha uma programação que movimentou a cidade de Teresina, fazendo com que seus cidadãos estivessem atentos ao símbolo máximo da nação e que colaborassem nos destinos do país, ou seja, mantendo-se longe de ideias que contrariassem o Estado Novo.

Outro palestrante que sai em defesa das comemorações cívicas e do fortalecimento da cultura patriótica é Ribamar Ramos. Ele destaca que durante muito tempo alguns piauienses estiveram indiferentes às causas nacionais, o que os teria levado a uma quase desagregação. Porém, as décadas de 1930 e 1940 teriam trazido uma esperança para o fortalecimento do civismo brasileiro, chegando a denominar o período como o Renascimento nacionalista:

Nesta hora decisiva que vivemos, quando a coesão cívica constitui o fundamento único da preservação da nossa unidade nacional, o culto à Bandeira Brasileira deixa de revestir-se do aspecto de simples observância às etiquetas burocráticas, para tornar-se o ponto marcante do renascimento nacionalista, sadio, vigoroso, que se opera em todos os quadrantes da nossa vida política. Verdade é que assistimos ao nosso próprio resurgimento. Esquecidos os nomes e os símbolos que assinalam as etapas históricas do povo livre que somos, relegados as comemorações patrióticas ao movimento mecânico do formalismo, sem consciência nítida do que somos e do que poderíamos ser, pelo aproveitamento das nossas vastas possibilidades, dos nossos grandiosos recursos, das nossas imensas riquezas, dos nossos altos valores, fomos rolando, pouco a pouco, insensivelmente pelas escarpas da desagregação social. Quando despertamos, éramos próximos do abismo. A massa enorme de indiferentes, de pessimistas, de revoltosos deixara conduzir-se pelo bastão enganoso das utopias. Despertamos a tempo, fatigados, é certo, mas não aniquilados. Despertamos para a Pátria. A Pátria vive em cada um de nós, na glória de nossos heróis, no sacrário das nossas tradições, em tudo que indique a nossa posição de indivíduos constitutivos de uma sociedade. Não vivemos para morrer; morremos para viver. Os nossos antepassados ainda são scentelhas de energia através dos bons feitos que as suas virtudes nos ensinaram a praticar [...] (RAMOS, 23 nov. 1937: 4).

Podemos constatar que o palestrante sai em defesa do novo regime implantado por Getúlio Vargas em 1937, acreditando que estaria acontecendo um fortalecimento do patriotismo da nação com o Estado Novo, sobretudo, porque no período era mostrado que as tradições brasileiras estavam sendo visitadas por ideologias comunistas que deveriam ser combatidas. E cada brasileiro que amasse a sua Pátria, deveria sensibilizar-se e estar unido e solidário ao Chefe da Nação.

Com o advento do Estado Novo inúmeros eventos cívicos foram criados e outros foram intensificados a fim de ganhar adeptos perante o novo cenário político imposto ao país. O Dia da Bandeira já era uma solenidade festejada em território piauiense, sobretudo no interior das escolas e quartéis. Contudo, a partir do período estadonovista a festividade ganha novos contornos, em que os alunos, militares, eclesiásticos, intelectuais e a população do estado são convocados a participarem desses momentos de constituição do patriotismo.

O Departamento de Ensino e as autoridades brasileiras exerciam um rígido controle para que a data não passasse despercebida. A grandeza e a soberania do Brasil só seriam alcançadas se os brasileiros não se negassem a apoiar os rumos que o país tomava no período getulista. Existiam naquele período ideologias que ameaçavam os sentimentos nacionais tão propalados pelo novo regime. Entendemos que a comemoração do Dia da Bandeira, no período em análise, foi utilizada para fortalecer e dar legitimidade ao regime do Estado Novo em território piauiense. Diversos segmentos da sociedade local se envolveram na organização e na participar ativa dos momentos em homenagem ao pavilhão nacional. Assim, demonstrariam união e cooperação ao presidente Getúlio Vargas, perante o momento de ruptura da história do Brasil.

Referências

AGUIAR JUNIOR. José de Arimatéa Freitas. *Festas, hinos e marchas: constituição do patriotismo e o serviço militar no Piauí (1935-1945)*. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Teresina: UFPI, 2014.

BRASIL. *Noticiário do Exército: especial Bandeira do Brasil*. Veículo de comunicação social do Exército. Exemplar nº 1, 18 de junho de 1957.

CUNHA, Hygino. O Dia da Bandeira. *Diário Oficial*, Teresina, ano VII, n. 260, 23 nov. 1937, p. 1-4.

CYTRYNOWICZ, Roney. Além do Estado e da ideologia: imigração judaica, Estado Novo e Segunda Guerra Mundial. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, nº 44, 2002.

D' ARAUJO, Maria Celina Soares. *O Estado Novo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

DESOUZART, Nelson. Discurso do Commandante Nelson Desouzart. *Diário Oficial*, Teresina, ano VII, n. 258, 20 nov. 1937, p. 16.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HOBSBAMW, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBSBAMW, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). *A Invenção das Tradições*. 10ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

O DIA da Bandeira – A vibração patriótica de ontem. *Diário Oficial*, Teresina, ano VII, n. 258, 20 nov. 1937, p. 1, 16.

O DIA da Bandeira. *Diário Oficial*, Teresina, ano VII, n. 257, 18 nov. 1937, p. 1.

PIAUI. *Boletim Regimental do 25 BC*. Teresina, n. 273, 19 nov. 1935, p. 872-873.

RAMOS, Ribamar. Saudações a Bandeira. *Diário Oficial*, Teresina, ano VII, n. 260, 23 nov. 1937, p. 4.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro (Orgs.). *Tempos de Capanema*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984. p. 142-144.

SOUSA, Raimunda de Carvalho. *Dados Biográficos de Raimunda de Carvalho Sousa*. Timon. 2010, p. 3. [digitado].

SOUSA, Raimunda de Carvalho. *Entrevista concedida a José de Arimatéa Freitas Aguiar Júnior*. Teresina, 07 jun. 2013.

VILHENA, Maria Gonçalves de. Palestra de Patriotismo e de Fé de D. Maria Gonçalves de Vilhena. *Diário Oficial*, Teresina, ano VII, n. 260, 23 nov. 1937, p. 2-4.